

NOS 100 ANOS DO NASCIMENTO (1988)

Presidente da República na inauguração da estátua ao poeta

FERNANDO PESSOA VOLTA A SENTAR-SE NUMA MESA DA «BRASILEIRA»...



Mário Soares sentado junto à escultura de Lagoa Henriques ontem inaugurada no Chiado. Pessoa (e Soares) em boa companhia...

«Contemplar Pessoa e ver Camões», foi a apreciação do presidente da República, Mário Soares, citando Krus Abecasis, na inauguração da estátua ao poeta Fernando Pessoa, ontem realizada frente à «Brasileira do Chiado», em Lisboa.

PESSOA 100

Por J. A. SOUZA



● A caminho da Brasileira

O dia tinha aquela luz que pede óculos escuros. Tirou os seus do bolso e pensou que já ninguém o conhecia. Reconheceram-no, evidentemente, pelo menos três dúzias de cães vadios. Que, por sinal, não gostavam de sardinhas.

Caminhava com a melancolia optimista de quem tem vontade de um café. E de um bagaço, talvez. Chegado à Brasileira, topou logo com o António Ribeiro Chiado,

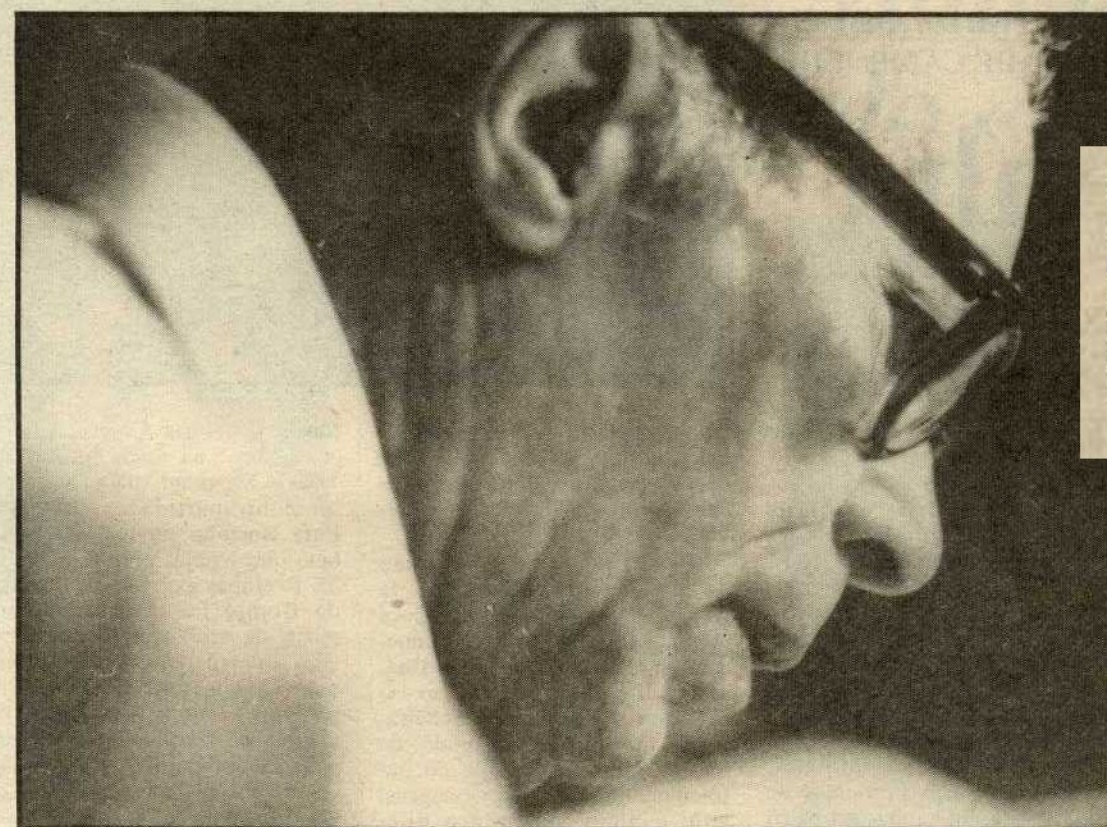
JORNAL DE NOTÍCIAS
14/06/1988

● O sagrado e o profano

Os sinos da igreja da aldeia onde o Fernando não nascera não tocavam, afinal. Fernando Pessoa ainda não era um santo. E quem na igreja essas coisas decidia entendeu que os sinos não podiam repicar por um acontecimento profano. razoável, o argumento: o nascimento de uma criança era um acontecimento profano. Ou antes: o poeta ainda não era sagrado q. b..

Os sinos que repicavam saíam de uma fita magnética, artificiosa bastante para caber num sino heteronímico. E enquanto não repicavam os sinos da aldeia onde o Fernando não nascera, uma pombas verdadeiras sobrevoavam o telhado da sua casa e empoleiravam-se no beiral.

Novas canções sobre Pessoa



Fernando Lopes-Graça (foto de Manuel Costa e Silva - 1987, cedida pela Sociedade Portuguesa de Autores)

O DIÁRIO
10/06/1988



Jorge Peixinho

Parece não suscitar dúvidas que Fernando Lopes-Graça e Filipe de Sousa são os compositores portugueses que mais sistematicamente têm abordado o riquíssimo e complexo universo poético de Fernando Pessoa, transmitindo-o e transpondo-o para o domínio da música segundo leituras bastante diversificadas entre si (é certo) mas não menos fiéis ao universo pessoano.

As trajetórias dos dois compositores não são, porém, paralelas. Enquanto que Lopes-Graça seguiu uma linha de continuidade exemplar desde os anos 30, Filipe de Sousa realizou uma longa travessia do deserto na sua actividade de compositor (pelo menos não me é conhecida a sua

eventual produção desse longo período-interregno). Por esse motivo, é mais fácil detectar uma evolução na linguagem e nos processos gramaticais e de abordagem do universo de Pessoa na longa série de obras ao poeta dedicadas por parte de Lopes-Graça, enquanto que, no que a Filipe de Sousa se refere, é muito acentuado o contraste entre as suas obras «pessoanas» da juventude e as da maturidade.

O que é interessante assinalar nestes dois compositores, pertencentes a gerações diferentes mas irmanados no amor à poesia de Pessoa, é a absorção quase paralela do espírito de modernidade do poeta, patente na evolução da linguagem que, tanto em Lopes-Graça como em Filipe de Sousa (mas proventura mais no primeiro), aflora ou irrompe mesmo pelo terreno da atonalidade. A música de Lopes-Graça é mais densa, mais dramática e «angulosa»; nesse